



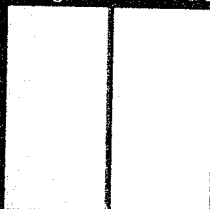
actas das IV jornadas internacionais de educação histórica

Para uma Educação Histórica de Qualidade

organizadora

Isabel Barca

instituto de educação e psicologia actas centro de



universidade do minho

investigação em educação

FICHA TÉCNICA

Título

Para uma Educação Histórica de Qualidade

Organização

Isabel Barca

Tradução do Inglês

Olga Sardoeira

Maria de Lurdes Costa

Paginação

Daniela Barca

Execução Gráfica

Minhografe – Artes Gráficas, Lda.

Parada de Tibães – Braga

Depósito Legal

221489/05

ISBN

972-8746-31-8

Centro de Investigação em Educação (CIEd)

Instituto de Educação e Psicologia

Universidade do Minho

4710-057 BRAGA

500 exemplares

Dezembro 2004

Apoio

Centro de Investigação em Educação (CIEd)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
------------	---

1 | COGNIÇÃO: SIGNIFICÂNCIA E EVIDÊNCIA EM HISTÓRIA

QUAL A UTILIDADE DA HISTÓRIA PARA AS CRIANÇAS? CONTRIBUTOS DO ENSINO DA HISTÓRIA PARA A CIDADANIA	
---	--

Keith Barton › Universidade de Cincinnati (E.U.A)	11
---	----

UM OLHAR DOS ALUNOS E DOS SEUS PROFESSORES SOBRE A HISTÓRIA E O SEU ENSINO	
--	--

Adriano Fernandes › Universidade do Minho	29
---	----

EXPLORAÇÃO DO PENSAMENTO ARQUEOLÓGICO NA AULA DE HISTÓRIA	
---	--

Flávio Ribeiro › Universidade do Minho	39
--	----

O PENSAMENTO HISTÓRICO DAS CRIANÇAS	
-------------------------------------	--

Hilary Cooper › St. Martin's College-Lancaster (UK)	55
---	----

2 | SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA E SUCESSO EDUCATIVO	
---	--

Lino Moreira da Silva › Universidade do Minho	77
---	----

SUPERVISÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA: NATUREZA E OBJECTOS	
---	--

Maria do Céu Melo › Universidade do Minho	87
---	----

O DIÁRIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA	
---	--

Isabel Cruz › Universidade do Minho	101
-------------------------------------	-----

AVALIAR COMPETÊNCIAS NA AULA DE HISTÓRIA: UM NOVO QUADRO DE REFERÊNCIA

Palmira Carlos Alves › Universidade do Minho

115

AULA OFICINA: DO PROJECTO À AVALIAÇÃO

Isabel Barca › Universidade do Minho

131

3 | DA TEORIA À PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

O CONCEITO DE RENASCIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COM ALUNOS DE 8.º ANO

Arminda Ferreira, Celeste Dinis, Eduarda Leite & Fátima Chaves

147

› Universidade do Minho

O CONCEITO DE SOCIEDADE: UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COM ALUNOS DE 5.º E 7.º ANOS

António Barbosa, Conceição Gonçalves, Edmeia Oliveira & Elvira Machado

167

› Universidade do Minho

4 | COGNIÇÃO E SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO

CONCEPÇÕES DE ALUNOS ACERCA DA RELAÇÃO 'TELEVISÃO E CONHECIMENTO HISTÓRICO'

Olga Sardoeira › Universidade do Minho

197

A APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO

Roque Gonçalves › Universidade do Minho

203

A WORLD WIDE WEB E O ENSINO DA HISTÓRIA

Ana Amélia Carvalho › Universidade do Minho

233

A WORLD WIDE WEB E O ENSINO DA HISTÓRIA

Ana Amélia Carvalho | Universidade do Minho

Introdução

A *world wide web*, como hoje a conhecemos, é uma gigantesca teia de informação. De tudo se pode encontrar na *Web*.

Não há hierarquia absoluta, mas cada site é um agente de selecção, de orientação ou de hierarquização parcial. Longe de ser uma massa amorfa, a *Web* articula uma multiplicidade aberta de pontos de vista. (...) Cada um tornar-se-á autor, proprietário de uma parcela do ciberespaço. Mas estas páginas, estes sites, estes mapas correspondem-se, interligam-se e confluem horizontalmente. (Lévy, 2001: 154-155).

Além desta miríade temática, há ainda a acrescentar a liberdade de cada um poder publicar na *Web*. Na WWW não há censura, ela constitui um espaço livre para publicação. Deste modo, se compreende a posição de Lévy (2001) quando refere que ela é um reflexo da 'meditação colectiva do espírito humano'.

Graças ao fim da censura e dos monopólios culturais, tudo o que a consciência pode explorar tornou-se visível para todos. É essa a essência do ciberespaço: uma meditação colectiva do espírito humano. (Lévy, 2001: 167).

No entanto, se a diversidade temática disponível não deixa de ser algo fascinante, deixa-nos mais apreensivos a diversidade da qualidade da informação. É imprescindível saber avaliar a qualidade da informação encontrada. Para além deste requisito, também é importante saber pesquisar a informação.

A inserção da *Web* em contexto de sala de aula implica uma exploração previamente planeada, a que se acrescenta saber copiar e colar textos e imagens, mas também e, acima de tudo, saber citar, respeitando a propriedade intelectual do autor do site consultado. Desde 1995 têm vindo a impor-se em contexto educativo as WebQuests, que são actividades on-line propostas por professores para serem resolvidas por um grupo de alunos, cujos recursos estão na *Web*.

Os pontos previamente mencionados vão ser abordados, bem como a indicação de sites temáticos sobre História e recursos educativos, iniciando por contextualizar o aparecimento da *world wide web* e o seu mentor.

O aparecimento da *world wide web*: necessidade de partilha da informação

A *world wide web* foi criada no início dos anos 90 no CERN (Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire) por Tim Berners-Lee para facilitar a partilha de informação entre cientistas que estivessem em diferentes laboratórios, através de um sistema hipermédia distribuído (Berners-Lee et al., 1994).

The *world wide web* (W3) was developed to be a pool of human knowledge, which would allow collaborators in remote sites to share their ideas and all aspects of a common project. (Berners-Lee et al., 1994: 76)

Após o estabelecimento das especificações da *Web* pelo CERN em 1991, multiplicaram-se os servidores (computadores ligados à Internet e onde estão alojadas as páginas *web*) e clientes (browsers) e a WWW passou realmente a ser uma gigantesca 'teia' de informação com cobertura mundial. O seu sucesso foi enorme e a partir de 1994 o seu crescimento tem sido exponencial.

Qualquer pessoa pode publicar na *Web*, talvez por esse motivo, ela tem crescido tanto e de tudo se pode encontrar. Diversidade e qualidade (com qualidade e sem qualidade) são duas características da informação disponível na *web*. A diversidade pode ir desde informação criteriosa, bem documentada a informação distorcida; sites divertidos com anedotas; jogos; grupos de discussão; postais; informação meteorológica; música; canções; filmes; jornais; reserva e compra de bilhetes de avião; resultados dos concursos do ministério da educação; entre outros. Esta partilha é interessante e facilita o acesso à informação; para todos os efeitos estamos à distância 'de um clique' desta miríade temática.

Um site é constituído por várias páginas hiperligadas entre si. Mas para além dessas hiperligações internas, um site é válido também pelas hiperligações externas, ou seja, pelas hiperligações a outros sites existentes na *Web*.

Funcionalidade da *World Wide Web*

A *world wide web* utiliza uma arquitectura cliente-servidor para hipertexto distribuído. O servidor é um computador onde é disponibilizada informação, que é enviada a quem a solicitar (Costa et al., 1995). Para se visualizar a informação na *Web* é necessário usar um browser (cliente), por exemplo, o Microsoft Internet Explorer ou o Netscape, que se encontram entre os mais utilizados.

O hipertexto, termo criado na década de 60 por Ted Nelson, caracteriza-se por uma organização não sequencial da informação, que implica uma interacção do utilizador com o documento digital – clicar numa hiperligação – para poder aceder à próxima informação a visitar, caso contrário permanecerá na mesma página ou ecrã (Carvalho, 1999). Deste modo, num mesmo documento hipertexto cada utilizador pode fazer um percurso dis-

tinto, dependendo das hiperligações seleccionadas.

A informação nas páginas *Web* está estruturada em documentos HTML (Hypertext Markup Language) e os clientes WWW (browsers) convertem o HTML em informação legível para o utilizador.

Para a transferência de informação na *Web* é utilizado o protocolo HTTP (HyperText Transfer Protocol), que corre por cima do TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet Protocol) da Internet.

A Internet, rede de redes, disponibiliza serviços através do protocolo TCP/IP. A WWW é um dos serviços suportados pela Internet. Deste modo, se compreende que Internet e WWW não são a mesma coisa, embora, por vezes, haja quem use esses termos indistintamente, o que não é correcto. Berners-Lee et al. (1994) tiveram o cuidado que houvesse uma forma uniforme para localizar e endereçar a informação, que designaram por URL (Uniform Resource Locator) e que integra o protocolo (e.g., http), o domínio (e.g., uminho) e o país (sempre com duas letras; e.g., pt), por exemplo, <http://www.uminho.pt>.

Pesquisar na *Web*

Para se pesquisar informação na *web* pode-se recorrer a motores de pesquisa ou de busca como o Google (<http://www.google.pt>), a motores de metapesquisa como o metacrawler (<http://www.metacrawler.com>) ou a directórios como o do Google, do Yahoo (<http://www.yahoo.com>) ou do SAPO (<http://www.sapo.pt>).

O motor de pesquisa é um sistema que, com base nas condições de pesquisa impostas, percorre as páginas *Web* de todos os sites que pretendem ser encontrados; apresentando ao utilizador uma lista com os URLs dos sites que verificam a condição de pesquisa. Os motores de pesquisa iniciam a procura com base nas palavras-chave indicadas e procuram na *Web* palavras exactas às solicitadas. No seguinte URL – <http://www.tendencia.cc> – pode encontrar motores de pesquisa por países e continentes, bem como pesquisadores específicos para música e filmes.

Os motores de metapesquisa fazem uma pesquisa rápida, superficial e simultaneamente em diversos motores. Por exemplo, o Metacrawler, ver figura 1, indica, do lado esquerdo, os motores que pode utilizar na pesquisa, nomeadamente: Google, Yahoo, Ask Jeeves, About, LookSmart, Teorema, Overture e FindWhat.

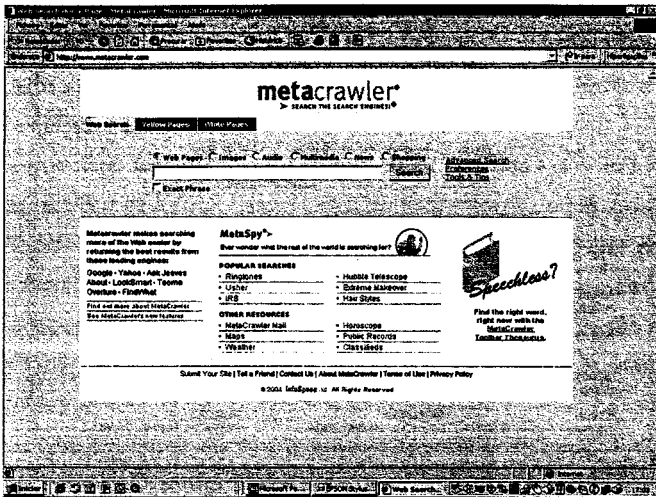


figura 1 | Motor de metapesquisa Metacrawler

Contudo, só apresentam 10% dos dados obtidos nos motores que visitam. No Metacrawler (<http://www.metacrawler.com>), por exemplo, depois de solicitada uma pesquisa, apresenta a lista dos sites encontrados e indica os motores utilizados nessa procura.

Os directórios estão organizados em categorias de assuntos e a sua estrutura é hierárquica. Os directórios só procuram as categorias do assunto e, geralmente, apresentam uma breve descrição, por vezes, compilada por especialistas, agências ou associações.

Se estiver no Google, depara com vários botões, prima no que tem o termo 'Directório', como pode ver na figura 2.

Ao seleccionar um tópico geral no directório, vai deparando com temas cada vez mais específicos até listar sites.

Por exemplo, no SAPO seleccione em 'Directório Nacional' a categoria 'Ensino e Investigação'. Depara com vários sub-directórios, por exemplo, escolha 'História' (126 apontadores). Surgem-lhe cinco sub-directórios: Associações Históricas (110), História de Portugal (59), História Universal (40), Livros de Arte (5) e Tributos Históricos (6). Se premir em 'História de Portugal' visualiza uma série de sites listados com uma pequena descrição sob cada um e o sub-directório 'Descobrimientos'. Escolha um site para visitar.



figura 2 | Directório do Google

Estratégias de Pesquisa

Para procurar informação na *Web* deve-se ser específico, persistente, consultar o botão de Ajuda do motor de pesquisa, solicitar termos relacionados, utilizar os operadores booleanos (e, ou, não ou os sinais + e -) e recorrer à Pesquisa Avançada. De seguida, vamos passar a esclarecer os pontos enumerados:

Ser específico - se iniciar uma pesquisa com um termo muito genérico como História obterá muitos mais sites do que se pesquisar com base na palavra-chave Descobrimentos. Quanto mais específico for o termo para a pesquisa pretendida, menor será o número de sites encontrados.

Ser persistente – insista na pesquisa. Combine diferentes palavras-chave. No início é complicado e, por vezes, os resultados podem ser pouco animadores. Não desista, insista até encontrar o que procura. Quantas mais pesquisas fizer mais depressa aprende a diversificar estratégias de procura da informação.

Consultar a informação disponível na Ajuda e na Pesquisa Avançada do motor de pesquisa seleccionado, dado que há diferenças entre os vários motores de pesquisa, por isso, recomenda-se que consulte a informação mencionada para realizar uma pesquisa adequada. À medida que se vai familiarizando com os motores de pesquisa, vai dominando as estratégias específicas a adoptar para cada um.

Utilizar os operadores booleanos – se alguns dos termos são demasiado comuns utilize os operadores booleanos (e, ou, não). Se preceder uma palavra do sinal mais (+), o resultado da pesquisa é equivalente a uma feita com o operador booleano 'e'.

Se procurar sites de associações ou um artigo, coloque o nome ou o título entre aspas. Por exemplo, 'Associação de Professores de História'.

Se pretende informação que pode ser encontrada através de palavras da mesma família, utilize, por exemplo, descob* que serve para descobrimentos, descobertas e descobridores (as palavras truncadas não são reconhecidas no Google, além disso também não distingue palavras maiúsculas de minúsculas).

Estas são algumas das estratégias que ajudam a afunilar uma pesquisa, de qualquer modo, de tempos a tempos deve consultar a Ajuda e as informações sobre como fazer uma Pesquisa Avançada, dado que, por vezes, surgem algumas alterações. Por exemplo, em 2001 o Google distinguia as palavras com maiúsculas das que eram solicitadas com minúsculas, mas actualmente isso já não acontece.

Feita a pesquisa, sob cada site listado surgem duas ou três linhas de texto retiradas do site, aparecendo a negrito as palavras indicadas na pesquisa. Verifique se os termos pesquisados inseridos nesse contexto se ajustam aos objectivos da sua pesquisa.

Para pesquisar imagens, por exemplo no Google – prima no botão 'Imagens' (ver figura 2), procede do mesmo modo como para procurar sites. Se essa imagem for para disponibilizar on-line, certifique-se se tem ou não de pagar direitos de autor ou pode vir a ter uma surpresa mais tarde (uma factura para pagar).

Critérios para avaliar a informação encontrada

Os critérios a ter em consideração para avaliar a qualidade da informação encontrada dependem também do tipo de site.

De uma forma geral, os critérios prendem-se com os diferentes aspectos que contribuem para a credibilidade do site, entre eles, a autoria do site (o autor e o domínio onde está alojado), referências bibliográficas, ligação a outros sites e data da realização do site e da última actualização.

Na página inicial (Home Page) do site deve ser facilmente identificada a finalidade do mesmo, o seu autor (hiperligação para dados sobre as habilitações académicas que ajudem a compreender os seus conhecimentos para escrever sobre o assunto) e contacto electrónico (para possíveis esclarecimentos), a data de realização do site e a data da última actualização, dado que a informação não é atemporal.

A finalidade do site, que deve ser clara e de preferência apresentada na página inicial do site, indica de imediato ao leitor o tipo de site. Alguns dos requisitos, como acontece com as referências bibliográficas, são particularmente relevantes para sites onde é apresentado um assunto ou tema ou é descrito um estudo e no qual o enquadramento teórico é imprescindível. Um site que explicita que é de opinião, insere-se numa categoria diferente, omitindo, muitas vezes, as referências bibliográficas.

A autoria do site integra a identificação do autor e suas habilitações ou curriculum vitae e o contacto electrónico, bem como o domínio onde o site está alojado. À partida é mais fiável um site sobre um assunto de História no domínio da Associação de Professores de História do que num servidor gratuito, onde cada um pode colocar o que quiser. Mas há outros elementos a ter em atenção.

As referências bibliográficas indicadas no site permitem aferir sobre a qualidade do que está a ser abordado, isto é, se são livros específicos da temática do site, se os artigos pertencem a revistas de qualidade (com ISBN, sendo os artigos submetidos para apreciação a uma comissão científica) e se se estabelecem hiperligações para outros sites sobre a temática e com qualidade.

Apontadores para outros sites é um aspecto imprescindível para um site, dado que um site não vive só por si próprio, ele é acedido através de outros sites e deve ser um trampolim para os outros, dando continuidade à teia. Além disso, um autor que estabelece ligações a outros sites congêneres revela dominar os sites disponíveis on-line.

A data da realização do site bem como da última actualização deve estar visível na Página inicial, dado que indicam ao cibernauta quando o site foi concebido e se tem sido actualizado. Há muitos sites que foram criados como requisito de avaliação de uma disciplina ou de uma acção de formação e depois nunca mais foram actualizados. Há temas que necessitam menos de actualização do que outros, mas a data constitui um requisito a

verificar.

Para além destes atributos, também é importante a facilidade de navegação no site que deve permitir que o utilizador saiba 'onde está' e 'como ir para'.

Sítes para o Ensino de História

Existem alguns *sítes* on-line em português e muitos em língua estrangeira sobre temas específicos bem como *sítes* de apoio à planificação das aulas de História, cujos exemplos vamos passar a indicar.

Sítes em português

Tema/assunto	URL
25 de Abril	http://www.uc.pt/cd25a
Descobrimentos	http://www.instituto-camoes.pt/arquivos/historia/descobrimentos.htm artigos de periódicos
Temas vários da História de Portugal	http://www.instituto-camoes.pt/bases/historia.htm - artigos de periódicos
Seis Séculos de Pintura Portuguesa	http://www.uc.pt/artes/6spp/frames.html - índice cronológico e alfabético
Marxismo	http://www.marxists.org/portugues/index.htm - seleccione o Autor ou o índice temático. Este <i>site</i> pode ser visitado em várias línguas.
Centro de Estudos interdisciplinares do século XX	http://www.uc.pt/ceis20 – No menu, na opção Links acede a várias listas de <i>sítes</i> organizados por assuntos ou por Temas.
Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	http://www.monumentos.pt - <i>site</i> sobre o património português

tabela 1 | *Sítes* para História em português

Actualmente, muitos dos nossos museus e galerias já têm visibilidade online e é possível obter informação sobre algumas das suas obras.

Sítes em língua estrangeira

	http://www.spartacus.schoolnet.co.uk - directório
História da Arte	http://www.artlex.com - dicionário de arte, com index alfabético e temático http://witcombe.sbc.edu/ARTHLinks.html - directório de recursos de história de Arte desde a pré-história à actualidade. Ligações a museus e galerias de todo o mundo. http://gallery.euroweb.hu/index.html - museu virtual base de dados sobre pintura e escultura europeia: período Gótico, Renascentista e Barroco (1150-1800). As pinturas são comentadas e inclui a biografia dos pintores. Tem visitas guiadas e postais gratuitos.
Holocausto	http://remember.org - imagens, actividades educativas, testemunhos, áudio e vídeo, links
Grutas de Lascaux	http://www.culture.fr/culture/arcnat/lascaux/fr/index.html - na página inicial, ao movimentar o cursor dá-lhe a sensação que tem uma lanterna e que está a iluminar partes da gruta. Informação fácil de ler.
Palácio de Versailles	http://www.chateauversailles.fr - muita informação sobre os lugares (palácio, anexos e jardins), personagens, a vida e obras de arte. Na componente de educação pode-se escolher o nível de ensino e os temas: vídeo, música e explicações que ajudam a criar a vivência dessa época.

tabela 2 | Sítes para História em língua estrangeira

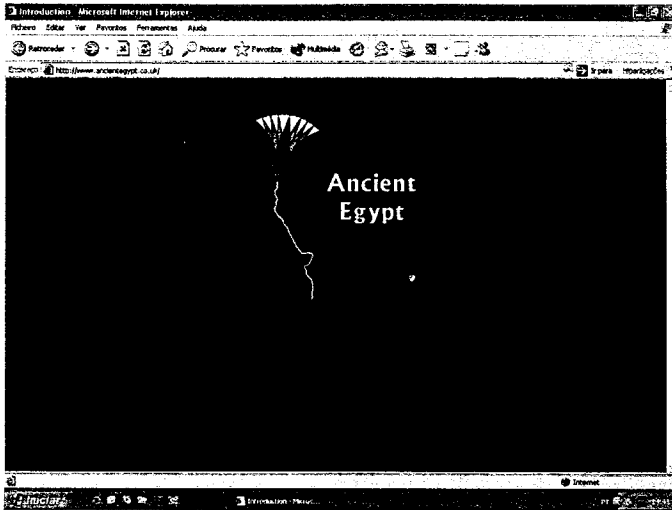


figura 3 | Site sobre o Antigo Egípto

O site acima anunciado (figura 3) apresenta informações e imagens sobre o antigo Egípto, como se pode ver no menu: Vida Egípcia, Geografia, Deuses e Deusas, Mumificação, Faraó, Pirâmides, Templos, Tempo, Comércio e Escrita (figuras 4 e 5).

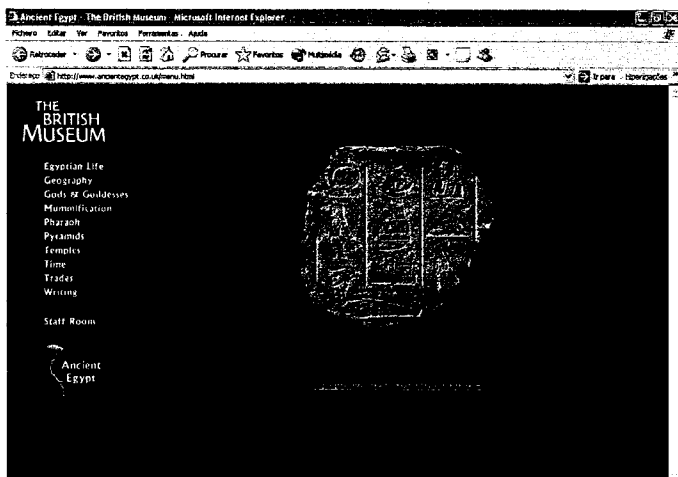


figura 4 | Menu do site Antigo Egípto

Cada um dos itens do menu, quando seleccionado, apresenta informação sobre o tema, dispondo de três componentes: história (story), explora

(explore) e desafio (challenge), como se pode ver na figura 5. Esta última opção proporciona actividades lúdicas muito interessantes e fáceis de compreender. É uma forma excelente de aprender História e Inglês.

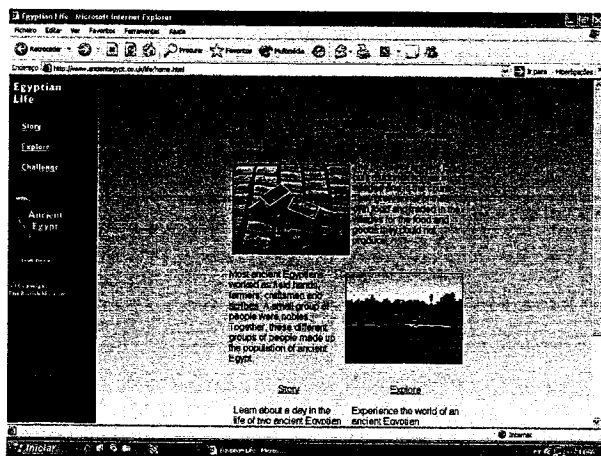


figura 5 | Aspecto gráfico da informação sobre a 'Vida Egípcia'

A exploração de sites

Seleccionado um *site* para a temática a ser trabalhada na disciplina de História, o professor deve planear a forma como pretende que os alunos o explorem. Caso não o faça, corre o risco dos alunos explorem as hiperligações disponíveis, saltitando de página em página e de *site* em *site*, navegando no hiperespaço, mas aprendendo pouco do que se pretendia.

a) Tarefas orientadoras da informação a ser obtida no site

No contexto de sala de aula, será útil colocar ou fornecer questões cujas respostas se encontram no conteúdo do *site*. Uma outra possibilidade consiste em fornecer textos a completar com a informação disponível on-line. As actividades podem ser muitas, dependendo da turma e dos objectivos do professor para a aula. Acima de tudo, pretendemos deixar claro que para uma adequada utilização e exploração de *sites* é imprescindível preparar as tarefas orientadoras da informação a ser encontrada no *site*.

b] Copiar, colar e citar: incutir rigor intelectual

Saber copiar texto e imagens da *Web* (e de CD-ROMs, de DVDs) é útil e simplifica o processo de citação, bem como permite embelezar e documentar um trabalho com imagens. No entanto, o que se tem vindo a verificar é os alunos copiarem e colarem integralmente textos da *Web* ou de uma enciclopédia digital e entregarem estes trabalhos aos professores como se de originais se tratassem. Esta cultura pode instaurar-se se os professores, identificando o plágio, não alertarem os alunos sobre a forma como proceder.

DiSessa (2000) apela para a necessidade de se desenvolver uma cultura de selecção da informação e de correcta citação.

Nas referências bibliográficas do trabalho, deve-se indicar o site consultado de forma algo semelhante à que se utiliza para indicar um livro ou artigo (Autor, Nome próprio (ano). Nome do *site* e secções consultadas. URL – endereço electrónico) mais a data em que foi consultado, dada a perenidade de alguns sites.

Por fim, gostaríamos de salientar, como o fez DiSessa (2000), que as possibilidades tecnológicas não podem ser devidamente concretizadas sem que as práticas atinjam a necessária maturidade. O contributo dos professores é imprescindível.

c] Pesquisar na Web

Saber pesquisar na *Web* é mais um requisito do cidadão inserido na Sociedade da Informação para com facilidade poder aceder ao conhecimento. Já mencionamos três tipos de pesquisa e algumas estratégias para a conseguir afunilar.

Na aula, o professor pode sugerir aos alunos para realizarem determinada pesquisa, especificando mesmo termos a incluir (termo + termo) ou a não serem contemplados (termo - termo).

No entanto, o docente deve verificar sempre os resultados da pesquisa antes da aula, para não ter surpresas desagradáveis, como seja não encontrar o que pretende ou deparar com sites impróprios para os seus alunos.

d] O aluno editor

Apresentar os trabalhos realizados numa exposição ou num espaço na biblioteca sempre tem sido prática de muitas escolas. A *Web* também

neste ponto alarga as possibilidades de apresentação dos trabalhos não só à escola mas também à comunidade e aos cibernautas.

Tem-se verificado, como documentam entre outros Eça (1998) e Harasim et al. (1995), que os alunos se empenham muito mais quando sabem que os seus trabalhos vão ser disponibilizados on-line.

Muitas escolas têm já, no site da escola, um espaço dedicado aos trabalhos dos alunos a ser disponibilizados on-line. Caso a escola não tenha o seu site, o professor pode conjuntamente com os alunos colocar os trabalhos num servidor gratuito. A satisfação e o orgulho que os alunos sentem, compensa o trabalho.

As WebQuests

O termo *WebQuest* foi criado em 1995 por Bernie Dodge e Tom March para caracterizarem o tipo de actividades que estavam a desenvolver na disciplina 'Interdisciplinary Teaching with Technology' e que consistia em criar actividades disponibilizadas on-line e que tiravam partido dos recursos existentes na *Web*. Dodge (1995) refere que as WebQuests são actividades orientadas para a pesquisa em que toda ou quase toda a informação se encontra na *web*.

Em suma, são 'actividades contextualizadas e motivadoras, disponibilizadas na *Web*, propostas por professores para serem resolvidas colaborativamente por um grupo de alunos' (Carvalho, 2002a).

Há quem prefira utilizar como tradução de WebQuest as expressões

Aventura na *Web* ou Desafio na *Web*, em vez do neologismo americano. Uma Webquest é constituída por seis partes ou componentes: Introdução, Tarefa, Processo, Recursos, Avaliação e Conclusão.

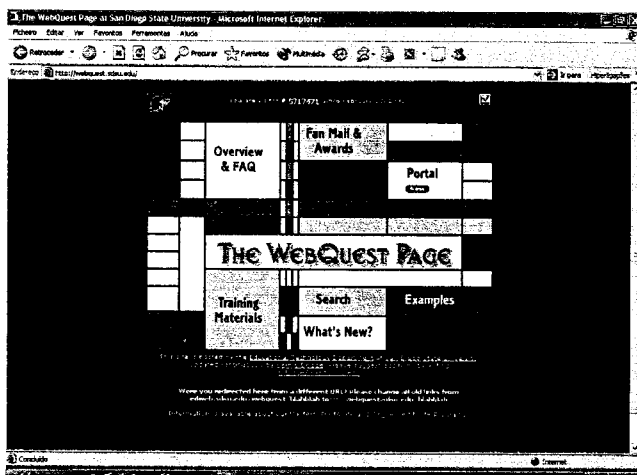


figura 6 | Site do B. Dodge sobre 'WebQuest'

A Introdução deve ser motivadora do ponto de vista temático e cognitivo, levando os alunos a interessarem-se pelo tema da WebQuest.

A Tarefa solicita aos alunos o que devem apresentar como produto final. É a parte mais importante para Bernie Dodge, de tal forma que criou uma 'WebQuest Taskonomy' com doze tipos de tarefas diferentes (Dodge, 2002). Acima de tudo, a Tarefa deve ser desafiante para envolver os sujeitos.

O Processo apresenta as etapas a seguir até se alcançar a Tarefa solicitada, distribuindo as etapas pelas aulas ou pelos blocos de tempo ou sessões. Nas etapas, sempre que seja preciso consultar um Recurso, este pode surgir integrado na etapa em vez de ter que se aceder aos Recursos ou Fontes, facilitando deste modo o acesso à informação. As etapas devem estar bem descritas; além disso o Processo deve apresentar estratégias e ferramentas para aceder e adquirir conhecimento para realizar as Tarefas e deve primar pela diversidade de papéis para o aluno compreender diferentes perspectivas e partilhar responsabilidade na execução das Tarefas.

Os Recursos ou fontes a consultar devem estar disponíveis na *Web*. Mas se

a temática o justificar também podem ser dadas referências não disponíveis on-line, como artigos ou livros. É preciso atentar na quantidade, nunca excessiva, e na qualidade dos recursos.

A Avaliação explicita o que vai ser avaliado: o produto final solicitado na Tarefa e/ou o desempenho dos alunos; apresentando os indicadores qualitativos e quantitativos da avaliação. Pode ainda indicar se cada aluno é também avaliado individualmente.

A Conclusão é constituída por duas fases, primeiro indica-se um resumo da experiência e as vantagens de ter realizado este trabalho, depois deve-se despertar curiosidade para pesquisas futuras, colocando uma pergunta, um problema para resolver, um site para explorar, entre outros.

Um outro aspecto considerado crucial por Dodge (1995) prende-se com a duração da WebQuest, que pode ser de curta ou de longa duração, sendo a sua nomenclatura determinada pelo tempo que demora a ser realizada e pela complexidade da Tarefa. Se demorar entre uma a três aulas designa-se por curta duração, se demorar entre uma semana a um mês considera-se de longa duração.

Se pretender aprofundar mais sobre a WebQuest ou mesmo como criar uma pode consultar o site 'WebQuest: um desafio aos professores para os alunos' (Carvalho, 2002a). Nesse site também encontra muitos exemplos de WebQuests feitos por alunos de licenciatura ou de pós-graduação da Universidade do Minho, bem como apontadores para diversos sites sobre WebQuests como o Instituto de Inovação Educacional; o Centro de Competência Nónio da Universidade de Évora; À bolina, na Escola Superior de Setúbal e na Universidade de São Paulo, entre outros.

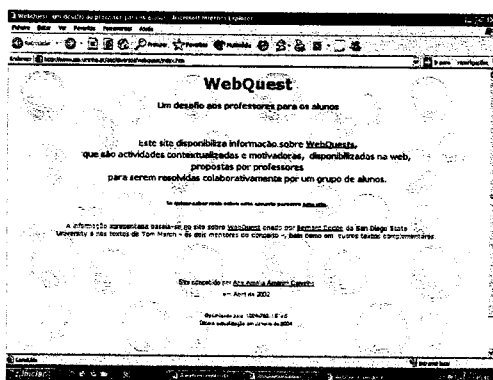


figura 7 | Site 'WebQuest: um desafio aos professores para os alunos'

A WebQuest constitui um duplo desafio cognitivo não só para quem a cria, o professor ou os professores, mas também para quem a resolve, os alunos (Carvalho, 2002b). No Mestrado em Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino de História, uma das alunas que concebeu uma WebQuest comentou:

Inicialmente, foi um desafio encarado com algumas reservas por [, tal como já disse,] considerar não ter empatia com as novas tecnologias. Rapidamente esse receio se desvaneceu para dar lugar ao entusiasmo próprio de quem descobre uma metodologia facilitadora da integração da Internet na prática docente e uma forma de atrair os alunos para a aprendizagem da História através da pesquisa, selecção e análise de fontes. (016) [Carvalho, 2003: 739].

A WebQuest constitui uma boa forma de começar a utilizar a *Web* nas aulas, ela está on-line e tem apontadores para outros sites (os Recursos), além disso solicita uma ou várias actividades (na Tarefa) e encaminha os alunos através das sucessivas etapas apresentadas no Processo. Por sua vez, os alunos pertencem à geração.com e a informação na *Web*, geralmente, fascina-os.

Resta, ainda, um pormenor: como seleccionar uma WebQuest para utilizar nas suas aulas? Depois de ter pesquisado WebQuests sobre o tema pretendido, verifique todos os componentes (seis), bem como a facilidade de navegação no site. Em particular, atente na Tarefa, na estrutura das etapas no Processo para indagar se os alunos conseguirão concretizar a Tarefa e, por fim, mas não menos importante debruce-se sobre os Recursos. Verifique se as hiperligações ainda estão activas (muitos sites são retirados da *Web*) e se esses Recursos permitem concretizar o que foi solicitado na Tarefa e nas etapas do Processo. Tendo a WebQuest recebido a sua aprovação, experimente-a nas suas aulas.

Bibliografia

- BERNERS-LEE, Tim; CAILLIAU, Robert; LUOTONEN, Ari; NIELSEN, Henrik e SECRET, Arthur (1994). *The World-Wide Web*. Communications of the ACM, 37, 8, 76-82.
- CARVALHO, Ana Amélia Amorim (1999). *Os Hipermedia em Contexto Educativo*. Braga: Centro de Estudos de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- CARVALHO, Ana Amélia Amorim (2002a). *Webquest: um desafio aos professores para os alunos*. Disponível em <http://www.iep.uminho.pt/aac/diversos/webquest>
- CARVALHO,, Ana Amélia Amorim (2002b). *WebQuest: um Desafio para Professores e para Alunos*. Elo, 10, pp. 142-150.
- CARVALHO,, Ana Amélia Amorim (2003). *WebQuest: um desafio para professores*. In Albano Estrela & Júlia Ferreira (org), *XII Colóquio da AFIRSE/AIPELF: A Formação de Professores à Luz da Investigação*. Lisboa: AFIRSE, vol. II, 732-740.
- COSTA, António; RODRIGUES, Eloy; PINTO, Fernando; MACEDO, Joaquim e NICOLAU, M^o João (1995). *Internet – Guia Prático do Cibernauta*. Porto: Campo das Letras.
- DISESSA, Andrea (2000). *Changing Minds: Computers, Learning, and Literacy*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press.
- DODGE, Bernie (1995; 1997). *Some Thoughts About WebQuests*. Disponível em http://edweb.sdsu.edu/courses/edtec596/about_webquests.html (Consultado em 17.3.2002)
- DODGE, Bernie (1998). *The WebQuest Page*. <http://webquest.sdsu.edu/> (Consultado em 28 de Janeiro de 2003)
- DODGE, Bernie ((2002). *WebQuest Taskonomy: A Taxonomy of Tasks*. <http://webquest.sdsu.edu/taskonomy.html> (Consultado em 16.3.2003).
- EÇA, Teresa d' (1998). *NetAprendizagem: a Internet na Educação*. Porto: Porto Editora.
- HARASIM, Linda; HILTZ, Starr Roxanne; TELES, Lucio; TUROFF, Murria (1995). *Learning Networks: a field guide to teaching and learning online*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press.

- LÉVY, Pierre (2001). *Filosofia World: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MARCH, Tom (1998). *Why WebQuests? An Introduction*. Disponível em <http://www.ozline.com/webquests/intro.html> (Consultado em 17.3.2002).
- MARCH Tom (1998) *WebQuests for learning*. Disponível em <http://www.ozline.com/webquests/intro.html> (Consultado em 17.3.2002).

Nota – Agradece-se ao Dr Jorge Brandão a sugestão de sites para as temáticas de História.